

## A COMUNIDADE POÉTICA DE ASSARÉ: O HOMEM E SEU FAZER SOBRE O UNIVERSO QUE O RODEIA

*LA COMMUNAUTÉ POÉTIQUE D'ASSARÉ:  
L'HOMME ET SON FAIRE SUR L'UNIVERS QUI L'ENTOURE*

**Adriana Nuvens de ALENCAR**

SEDUC –CE

([adri.nuvens@gmail.com](mailto:adri.nuvens@gmail.com))

**Resumo.** Patativa do Assaré é a expressão maior de uma cultura profundamente influenciada pela poesia fundada na memória e na oralidade, corrente no nordeste brasileiro. O município de Assaré fica ao sul do Estado do Ceará, mais precisamente na região do Cariri, onde habitavam os índios cariris, que eram de origem tupi. Tendo-se destacado pela excelência de sua arte, estava, no entanto, cercado de companheiros que também produziam poesia de grande valor estético, com os quais conviveu, alguns deles transformados em parceiros de ofício. Neste trabalho, analisamos o poema “Homenagem póstuma ao poeta Patativa”, de autoria de Miceno Pereira da Silva (1937), cantador com quem Patativa dividiu os *desafios* por três anos, conterrâneo a quem chamava de “campeão do repente”. A leitura do texto foi realizada a partir da teoria das zonas antrópicas de François Rastier, situada na esfera de estudos da Semiótica das Culturas. Abordamos as categorias do quadro antrópico – pessoa, tempo, espaço e modo, com o intuito de identificar valores que caracterizam a especificidade do grupo cultural dos/das poetas de Assaré, de que Patativa e Miceno fazem parte. Ao final da leitura, constatamos uma visão de mundo marcada pela religiosidade cristã, pela ideia de comunidade e, sobretudo, pela valorização da arte poética de raízes orais e de seu principal representante.

**Palavras-Chave:** Poesia. Patativa do Assaré. Miceno Pereira. Semiótica das Culturas. Valores.

**Resumé.** Patativa do Assaré est la plus grande expression d'une culture profondément influencée par la poésie basée sur la mémoire et l'oralité, courant dans le nord-est du Brésil. La commune d'Assaré est située au sud de l'État du Ceará, plus précisément dans la région du Cariri, où habitaient des indiens *Cariris* d'origine Tupi. L'auteur s'est distingué par l'excellence de son art et s'entoure de compagnons qui ont produit aussi une poésie d'une grande valeur esthétique, avec qui il avait une vie sociale, dont certains deviennent partenaires d'office. Dans cet ouvrage, nous analysons le poème « Hommage posthume au poète Patativa », écrit par Miceno Pereira da Silva (1937), un chanteur avec qui Patativa a partagé les *chants de défis* pendant trois ans, un compatriote qu'il a qualifié de « champion de la poésie de soudain ». La lecture du texte a été réalisée à partir de la théorie des zones anthropiques de François Rastier, située dans le champ des études de Sémiotique des Cultures. Nous abordons les catégories du cadre anthropique – personne, temps, espace et mode, afin d'identifier les valeurs qui caractérisent la spécificité du groupe culturel des poètes d'Assaré, dont Patativa et Miceno font partie. A la fin de la lecture, on peut voir une vision du monde marquée par la religiosité chrétienne, l'idée de communauté et, surtout, l'appréciation de l'art poétique aux racines orales et son principal représentant.

**Mots-clés:** Poésie. Patativa do Assaré. Miceno Pereira. Sémiotique des Cultures. Valores.

## 1. Considerações iniciais

Na entrada da cidade de Assaré, deparamo-nos com uma placa exibindo a foto do filho mais ilustre do local e os dizeres: “Bem-vindo à terra da poesia popular”. A perífrase pode ser lida, a um tempo, como referência à atividade em que ele se destacou e como alusão à expressividade do número de pessoas que ali produzem uma poesia baseada em modalidades originariamente orais, seja em sua forma mais pura, que é a cantoria de viola; seja fixada em outro suporte que não o corpo do poeta, como os folhetos de cordel e os livros.

No texto “Patativa e a comunidade poética da Serra de Santana”, Carvalho ([1999] 2009a) informa sobre a presença de aproximadamente vinte e cinco poetas somente no sítio em que Patativa viveu antes de se mudar para a cidade no final do decênio de setenta e reconhece-os como uma “comunidade”.

Duas décadas depois da publicação desse texto, encontramos o grupo cultural em plena atividade, mas com novos contornos: uma nova “comunidade”, cujas fronteiras vão além da Serra de Santana e da zona rural do município como um todo. Podemos encontrar poetisas e poetas em várias partes: no mercado, na praça, em repartições públicas, em suas casas, no Memorial, nos bares, nos sítios em noites de cantoria. Algumas/Alguns passaram a residir em outras cidades da região do Cariri cearense, mas, em geral, costumam retornar com frequência para participar de eventos, para vender livros, para estar com os familiares e amigos.

O poema que lemos aqui foi produzido por um autêntico membro da “velha guarda” da Comunidade Poética do Assaré: o respeitado cantador Miceno Pereira, que foi contemporâneo de Patativa.

## 2. Aporte teórico

### 2.1. Teoria das zonas antrópicas

No âmbito da linha francesa de estudos semióticos, “o texto é produto de um discurso” (BATISTA, 2009, p. 248). O discurso, espaço em que os sujeitos manifestam seus valores e sua visão de mundo, revela a cultura no qual foi produzido, já que os seres humanos vivem em comunidade e que os pontos de vista de todo enunciador são sociais, como observa Fiorin (1999).

Para Rastier (2010), uma cultura pode ser definida como um sistema hierarquizado de práticas sociais e toda prática social possui um nível semiótico, constituído dos signos nela envolvidos.

O nível semiótico do entorno humano se caracteriza pela existência de quatro categorias: pessoa, tempo, espaço e modo. No interior de cada uma delas se observam “rupturas”, divisões. Na categoria de pessoa, aos interlocutores *eu/tu* opõe-se uma terceira pessoa, ausente da interlocução: *ele, se, isto*; na de tempo, encontramos *agora/passado* e *futuro próximos* em oposição a *passado* e *futuro*; na de espaço, o par *aqui/aí* se opõe ao *lá, noutra lugar*; na categoria de modo, o *certo* e o *provável* se opõem ao *possível* e ao *irreal* (Ver quadro 1).

As posições homólogas sobre os eixos das categorias permitem distinguir três *zonas antrópicas* (relativas ao homem): uma de coincidência – a *zona identitária*; uma de adjacência – a *zona proximal* e uma de distanciamento – a *zona distal*. A oposição entre a zona identitária e a proximal é dominada pela oposição que separa essas duas zonas, tomadas em conjunto, da zona

distal. As zonas identitária e proximal correspondem a um mundo óbvio, empírico; enquanto a zona distal estabelece um mundo ausente, transcendente. O conteúdo das zonas varia de acordo com as culturas e, mais especificamente, com as práticas sociais. Entre as zonas, há duas fronteiras: a fronteira empírica situa-se entre a zona identitária e a proximal; a fronteira transcendente separa as duas primeiras zonas da distal.

**Quadro 1 – Zonas antrópicas**

	Zona identitária	Zona proximal	Zona distal
1. Pessoa	EU, NÓS	TU, VÓS	ELE, SE, ISTO
2. Tempo	AGORA	RECENTE EM SEGUIDA	PASSADO FUTURO
3. Espaço	AQUI	AÍ	LÁ, ACOLÁ ALHURES
4. Modo	CERTO	PROVÁVEL	POSSÍVEL IRREAL

↓
↓  
 Fronteira empírica                      Fronteira transcendente

Fonte: (RASTIER, 2010, p. 23)

Os *objetos culturais* podem ser entendidos como aqueles cuja produção implica uma produção de sentido e que, portanto, pedem uma interpretação. Os objetos da fronteira empírica recebem a denominação de *fetiches* e os da fronteira transcendente chamam-se *ídolos*. A interpretação de um objeto como fetiche ou como ídolo vai depender das operações que a ele são associadas na prática. A linguagem ocupa as duas fronteiras entre zonas, permitindo a mediação simbólica entre elas, tanto a título de fetiche como de ídolo.

## 2.2. Sobre a categoria *tempo*

Santo Agostinho discorre sobre o tempo no livro XI das *Confissões*, concebendo-o como um fenômeno do espírito. Segundo a teoria que elabora, não existem três tempos (passado, presente e futuro), mas três categorias de presente: o presente do passado, que é a memória; o presente do presente, que é o olhar; o presente do futuro, que é a espera. Tudo é presente, o passado e o futuro são incluídos num presente expandido. Esses três presentes residem no espírito humano. Ele dissocia o tempo da ideia de movimento e o relaciona às noções de extensão (duração) e de triplo presente, concebendo a extensão do tempo como uma extensão da alma.

Então, para Santo Agostinho, o tempo pode ser medido, durante o seu transcurso, por meio das impressões deixadas no espírito pelas coisas que passam. No espírito ocorrem três procedimentos: a espera, a atenção e a memória. Por um processo ativo, há a passagem do objeto da espera diante da atenção, transformando-se em memória. O que tem extensão, portanto o que se mede, é o produto passivo dessa passagem: imagens vestígio e imagens antecipantes gravadas na

memória como impressão. São a memória e a espera impressas na alma que permitem comparar tempos longos e curtos.<sup>1</sup>

### 3. O corpus

Fotografia 1 - Miceno Pereira da Silva (Miceno Pereira)



Fonte: Primária, 2017

O texto, cuja leitura realizamos neste trabalho, está registrado no livro *Versos diversos de um cantador de viola* (2006). O autor, Miceno Pereira da Silva, nasceu no sítio Cedro, no distrito do Amaro, município de Assaré, no dia primeiro de agosto de 1937<sup>2</sup>. É o quinto dos sete filhos de Antônio Pereira da Silva e Maria Félix Pátria Ribeiro. Trabalhou, desde pequeno, na agricultura, mesmo ofício dos pais, tendo se aposentado como trabalhador rural.

Aprendeu as primeiras letras com as irmãs em casa e, depois, frequentou uma escola “com uma professora diplomada mesmo” por seis meses. Mas é curioso, gosta muito de ler, de pesquisar palavras no dicionário. À semelhança do conterrâneo famoso, é fruto de uma cultura profundamente marcada pela poesia de raízes orais, o que fica claro ao relatar que o desejo de ser poeta nasceu quando criança, “lendo cordel” e assistindo a uma cantoria de Patativa e João Alexandre.

Frequentava assiduamente as apresentações que Patativa fazia na região e acabou se tornando, segundo Geraldo Gonçalves no prefácio de *Versos diversos* [...], o “parceiro caçula” do poeta, que o chamava de “campeão do repente”. Miceno afirma que fixaram parceria por três

---

1. Fiorin, 1999.

2. As informações desta seção foram obtidas por meio de entrevista concedida pelo poeta à autora no dia 24 de novembro de 2017 na residência dele, na cidade de Altaneira-CE.

anos: “Nós viajava a cavalo, andando aí pelo sertão, todos dois a cavalo com uma viola dum lado. Passava deixando trato; depois, passava cumprindo aqueles tratos [...]”. Destaca também, como companheiros de pelegas, os nomes de Anacleto Dias e, principalmente, de Cícero Batista.

Aborda diversos assuntos, o que é de se esperar de um repentista. Mas, na bela seleção registrada no *Versos diversos...*, destacamos quatro temáticas: a natureza, a religiosidade, o amor e a crítica social. Retrata fatos vivenciados/testemunhados por ele ou por membros da comunidade, mostrando a “verdade” sobre a vida real, muitas vezes atuando como profeta que denuncia as injustiças sofridas pelo povo.

## 4. 4 Análise

### 4.1. 4.1 A categoria de pessoa

Ainda que o tempo avance com suas mudanças, o momento da morte nos lugares mais interioranos do Cariri é bastante marcado pela participação da comunidade, o que se potencializa em circunstâncias especiais como um desastre ou quando se trata de alguém que alcançou algum tipo de notoriedade. O falecimento de Patativa foi assim descrito:

Era início de noite de uma segunda-feira quando uma multidão se ocupou [sic] em frente ao número 27 da rua Coronel Pedro Onofre, em Assaré. A angústia que tomava conta da cidade durante os últimos dias tinha chegado a seu desfecho. Acabara de ser anunciada, por volta das 19 horas, no telejornal da TV Verdes Mares, afiliada da TV Globo, a confirmação da morte do poeta Patativa do Assaré. [...]. Era 8 de julho de 2002. Dia em que Patativa, aos 93 anos, partiu. Começava uma noite de choros, orações e homenagens ao filho mais ilustre daquela terra. (CARVALHO, 2009b, p. 21).

É a esse contexto que se reporta o poema de Miceno Pereira: repleto de pessoas, entranhado do sentimento de pertença a uma coletividade – compreendida como um conjunto de indivíduos que partilham a mesma visão de mundo, marcada pelo gosto da arte poética e pelo reconhecimento do seu maior representante como valores que a identificam entre os demais agrupamentos humanos.

Transpassado de emoção  
Regozijo [sic] e nostalgia  
Olhos fitos no caixão  
Onde o poeta jazia  
Uma dor, uma saudade  
Tirou minha tranquilidade  
Contrariou-me de vez  
E julguei fora do nível  
A lacuna impreenchível  
Que a sua partida fez.

Fitei seus familiares  
Por todos senti a dor

Coloquei-me em seus lugares  
Tive o mesmo dissabor  
Senti da vida o revés  
Coloquei no chão meus pés  
Pedi fé, pedi coragem  
A Deus Pai, Deus verdadeiro  
Como fiel companheiro  
Lhe fiz a última homenagem.

O *enunciador* se instaura no enunciado, identificando-se como “fiel companheiro” do poeta morto e dispondo-se a fazer um poema para homenageá-lo. No transcurso da elocução, dirige-se a três destinatários: o público, o poeta e Deus.

O *público* está implicitamente presente nas duas primeiras estrofes, como uma plateia a quem o enunciador narra, no presente, acontecimentos já passados: a emoção que sentiu diante do caixão, a empatia pelos familiares, a necessidade de buscar forças em Deus para realizar a tarefa de elaborar uma composição poética para a ocasião apesar da dor que o tomava. Nesse momento inicial, os traços mais evidentes daquele que fala são: o afeto pelo amigo falecido e pela família; a fé; a obstinação em cumprir o que se propôs; a própria habilidade versificatória.

Em seguida, temos o tributo propriamente dito, tal como foi apresentado na solenidade fúnebre. O enunciador fala diretamente com o poeta, a fim de despedir-se dele. Para tal, elogia a conduta do amigo e o desempenho do artista, asseverando que ele vai para o céu, onde receberá a merecida recompensa; aconselha-o a deixar o que passou para trás e a começar uma nova existência, plena de alegria.

Sei que saudades tu deixas  
Mágoa de ninguém tu levas  
Partes isento de queixas  
Deixando um mundo de trevas  
Partes da terra e dos teus  
Pra morar junto de Deus [...]

[...] Vai receber teu troféu  
Que no festival do céu  
Terás a premiação.

Deixa este mundo perverso  
Cheio de perturbações  
Vai viver num universo  
Onde não há aflições  
Daqui não leves lembrança [...]

[...] Que esta tua partida  
Em alegria de vida  
Seja também transformada

E a estrada da tua vida  
Para a terra prometida  
Seja uma feliz estrada.

O corpo sem vida do colega está ao pé de si, mas é ao espírito dele que o enunciador se dirige, como a um ser ainda muito próximo, um “fetiche”. Devido ao falecimento recente, ele parece acreditar que o espírito ainda não realizou a passagem para o outro lado da linha, esse outro mundo que Rastier chama de zona distal e o vate nomeia genericamente de céu. A morte está situada na fronteira transcendente que o poeta vai atravessar (na visão do locutor ainda em processo de assimilação do acontecimento), como quem percorre uma “estrada para a terra prometida”. Além de desejar ao companheiro uma feliz travessia, expressa a certeza de que, no fim do caminho, não há inquietações, somente festa e alegria.

O *poeta* nunca aparece sozinho. No caixão, o corpo está cercado pelos familiares, pelo público, pelo enunciador que fala como a alguém vivo ainda presente. Na vida terrena, esteve junto à *família* e aos *amigos*, deixando, com a partida, um rastro de saudade e benquerer.

Adeus poeta querido  
Partes deixando saudade  
Na terra onde foi nascido  
E em toda a sociedade  
Amigos e familiares  
Foste a alegria dos lares  
Do palácio e da choupana  
Partes pra casa de Deus  
Deixando os colegas teus  
Na Fonte Patativana.

Na esfera pública, alcançou ascendência sobre a *sociedade* como um todo, com uma mensagem que reverberou para além da própria classe (“Foste a alegria dos lares/ do palácio e da choupana”), conferindo, pela excelência, representatividade aos *colegas* de poesia do lugar em que viveu, à semelhança de uma fonte de inspiração onde muitos beberam e que continua jorrando.

A alusão nos dá ensejo de aprofundar o diálogo com o poeta maior sobre os colegas mais próximos. Já na entrevista de 15 de fevereiro de 1996 a Gilmar de Carvalho, que se transformou na obra *Patativa poeta pássaro do Assaré*, ele informava que não estava só:

PA – [...] Não, o “Balceiro” é de todos os poetas e versejadores do Assaré [...] Eu e o Geraldo. Nós organizamos escolhendo os versejadores e fazer aquele... publicar aquele livrozinho com o título “O Balceiro”. Porque balceiro, na expressão do sertanejo, do agricultor, é aquele agrupamento de garrancho e tudo. Faz aquele monte de garrancho de todo jeito, aí a gente chama de ‘balceiro’. E ali, como são muitos poetas, é um balceiro de poetas, viu? (CARVALHO, 2002, p. 148).



Mas, é no poema “Fonte patativana” que confere sua chancela definitiva ao grupo, assumindo, com humor, a liderança dos pares e profetizando a permanência da Comunidade Poética de Assaré, considerada como um de seus legados:

Aos poetas do Nordeste  
Ofereço meus louvores  
Aos que são meus seguidores  
E já passaram no teste  
Com a proteção celeste  
E inspiração soberana  
Cantando da raça humana  
Prazeres, dores e mágoas  
Porque beberam das águas  
Das Fontes Patativanas

Eu digo em nome de Cristo  
Com a verdade completa  
Ao meu amigo poeta  
Com muita atenção assisto  
Temos o Manoel Calixto  
Que gosta da carrascana  
Porém, com cana ou sem cana  
Verseja em qualquer negócio  
Porque é um grande sócio  
Da Fonte Patativana

Cícero Batista se sai  
Com roça e com poesia  
Com as farsas que ele guia  
O seu prestígio não cai  
De quando em vez ele vai  
Pra feira vender banana  
Outras vezes vender cana  
Além de versejador  
Da Fonte Patativana  
Além da grande fileira  
Dizer agora é preciso  
O campeão do improviso  
É o Miceno Pereira  
Com sua voz altaneira  
Cantando toda semana  
Como pássaro viana  
Ele é muito sonoro  
E vive muito ditoso  
Na Fonte Patativana  
O meu colega Maurício  
Segue este mesmo caminho  
Cantando a flor, o espinho  
O prazer e o sacrifício  
Meu parente, meu patrício



Nesta Serra de Santana  
A poesia bacana  
Apresenta muito bem  
Porque faz parte também  
Da Fonte Patativana  
O Geraldo e o João Bandeira  
Cada qual é bom poeta  
Que segue a mesma reta  
Com expressão verdadeira  
Na poesia brejeira  
Uns se alegra, outros se ufana  
O que já leu não se engana  
São poemas irmanados  
Porque foram inspirados  
Na Fonte Patativana  
O Pedro verseja um pouco  
É o caçula, meu irmão  
Dono de uma produção  
Chamada “Ladrão de Coco”  
Sua casa de reboco  
Velha e modesta choupana  
Maria era nossa mana  
Mas nossa mana, Maria  
Um só verso não fazia  
Na Fonte Patativana

Finalmente, meus leitores  
Nesta preciosa arte  
Apresentei grande parte  
Dos que são meus seguidores  
Cantei prazeres e dores  
Nessa Serra de Santana  
Para a nação soberana  
Eu partirei brevemente  
Dando adeus a boa gente  
Da Fonte Patativana. (FEITOSA, 2001, p.125-130 – grifo nosso).

Confirma assim, com a palavra-luz-poética, a imagem – apresentada pelo enunciador da “Homenagem póstuma” – do homem rodeado de pessoas, com quem repartiu a água da fonte de “inspiração nordestina” e o convívio. Transpassada a fronteira, também não experimentará a solidude:

Faça lá sua aliança  
De salmos e de improviso  
Juntamente aos profetas  
Trovadores e poetas  
Festeiros do Paraíso.

Segundo a visão do enunciador, tomada pela ideia do coletivo, o lugar para onde o espírito se encaminha é a casa de Deus que, a propósito, também é poeta e de cuja companhia

privará durante a jornada (“Vais com Deus rei e poeta”). Lá estarão os *anjos celestiais* e os companheiros que o antecederam (*trovadores* e *poetas*), com quem se encontrará e participará de festas e festivais, configurando a formação de duas comunidades, uma terrena e outra celeste.

Nesse contexto, a poesia assume o estatuto de valor soberano, ao ocupar todas as zonas do entorno do sujeito enunciador que, em sua fala, representa os trovadores que ficam: a de identidade, habitando a alma, transbordando na voz; a proximal, onde estão os demais poetas e apreciadores; a distal, onde fica o Paraíso em que crê.

Ela atravessa igualmente as duas fronteiras, permitindo a “mediação simbólica” (RASTIER, 2010, p. 29-30), tendo livre trânsito entre elas. Provém de Deus, em forma de “dom” e atualiza-se como missão, quando o poeta atua como um profeta que, por inspiração divina, fala a “verdade” e denuncia a injustiça, defendendo o povo que sofre com a marginalização social:

(Vais) Se unir a cada profeta  
Que teve a felicidade  
De como tu ser amado  
Querido e prestigiado  
E rico de inspiração

Será objeto de recompensa no céu pelo doador do talento e da missão. A poesia está em toda parte, é ídolo e fetiche, Graça e brinquedo.

Finalmente, no fecho da elocução, o enunciador volta-se diretamente a *Deus*, pedindo que acolha o amigo em sua nova morada:

Cante lá, que eu rezo cá  
A minha oração final  
Rogando ao pai Jeová  
Santo Rei universal  
Pai Santo, Deus Criador  
Que sofreu por nosso amor  
Que morreu por todos nós  
Atende os meus pedidos  
E no reino dos escolhidos  
Acolhei-o junto a Vós.

O Ser Supremo é referido, ao longo dos versos, como Rei, Pai, Santo, Criador, Jeová – num misto de reverência e afetividade, para ser finalmente identificado a Jesus, revelando a filiação cristã da religiosidade ali manifestada: “Pai Santo, Deus Criador/Que sofreu por nosso amor/ Que morreu por todos nós”. Embora seja “companheiro de ofício”, “mora” na zona distal para onde se encaminha o poeta morto, mas é possível conversar com ele e pedir-lhe favores (como se pede a um pai) por meio da oração: a palavra furando novamente o bloqueio entre os mundos.

Cabe observar ainda que a profusão de seres, terrenos e celestiais, que povoam os versos, é responsável, em grande medida, por lhes conferir o efeito de sentido de vitalidade e esperança, a despeito da temática.

#### 4.2. O tempo

A temporalidade se organiza a partir do momento da fala do enunciador, instaurado no enunciado como um narrador em primeira pessoa, o que explica a presença de tempos enunciativos em todo o texto. Nas duas estrofes iniciais, temos uma enunciação enunciada, um comentário do narrador sobre o que vai relatar, situando o fato no passado por meio do pretérito perfeito.

Fitei seus familiares  
Por todos senti a dor  
Coloquei-me em seus lugares  
Tive o mesmo dissabor  
Senti da vida o revés  
Coloquei no chão meus pés  
Pedi fé, pedi coragem  
A Deus Pai, Deus verdadeiro  
Como fiel companheiro  
Lhe fiz a última homenagem (grifo nosso).

Nas demais estrofes, a coincidência dos tempos do enunciado com os da enunciação geram o efeito de concomitância entre ambos:

Adeus poeta querido  
Partes deixando saudade  
Na terra onde foi nascido  
E em toda a sociedade  
Amigos e familiares  
Foste a alegria dos lares  
Do palácio e da choupana  
Partes pra casa de Deus  
Deixando os colegas teus  
Na Fonte Patativana [...] (grifo nosso).

O narrador lança mão de uma profusão de formas verbais que conferem agilidade, movimento ao poema, reforçando a ideia de vida que pretende transmitir. Presentes, imperativos, pretéritos, futuros vão e vem, conforme a necessidade de despedir-se, formular desejos, aconselhar; referir-se à vida terrena ou àquela que se inicia com a morte; rogar. Sem falar das formas nominais, gerúndios e infinitivos que prolongam o tempo, indicando, por exemplo, a continuidade da existência daqueles que ficam sem o poeta (*Partes deixando* saudades, *Deixando* os colegas teus) ou a eternidade (*Pra morar* junto de Deus).

Mas o sistema enunciativo impera absoluto, reiteramos, apontando para o momento de referência presente como ponto de partida para todo o arranjo temporal. O que temos, então, na

homenagem, potencializado pela carga emocional envolvida na temática, é um presente expandido nos termos de Santo Agostinho. O instante capturado pelo olhar atento, indelevelmente impresso na alma por meio de imagens vestígio e de imagens antecipantes.

São três presentes. O presente do presente corresponde ao momento da atualização do tributo, em que o narrador concentra a atenção dele em utilizar a força dos versos para comunicar-se diretamente com o amigo recém falecido. É o que aparece a partir da terceira estrofe. O presente do passado manifesta-se na memória da circunstância em que os versos foram criados, quando tinha os “olhos fitos no caixão” e era assaltado pela tristeza da perda nas duas primeiras estrofes; mas também nos rápidos flashes que remetem à existência terrena do homenageado no restante do poema.

O presente do futuro aparece na expectativa do início de uma nova vida em outra dimensão que o locutor imagina com riqueza de detalhes, o que sinaliza para uma crença partilhada pela comunidade, onde a adquiriu, onde a expressa com naturalidade. Ocorre também a partir da terceira estrofe, paralelamente ao presente do presente, às vezes, prevalecendo sobre este (Que no festival do céu/*Terás* a premiação).

Segundo essa compreensão, o tempo é uma experiência situada na zona identitária do sujeito que enuncia, em seu espírito, aflorando na fala por meio de um *agora* que remete, no entanto, ora ao passado, ora ao futuro, acessando mundos distais: a lembrança e o eterno.

### 4.3. O espaço

No rastro do que afirmamos, devemos alertar inicialmente para o espaço da subjetividade do narrador, onde se situam as marcas do vivido, como um depósito onde pode ir buscar, quando lhe convém, a memória dos acontecimentos e dos sentimentos a eles associados, bem como as crenças aprendidas no contexto sociocultural.

Por meio da enunciação, esse espaço se manifesta como um *aqui* que determina as demais posições do discurso e projeta-se no texto, grosso modo, como o mundo terreno ao qual se opõe o paraíso celeste. O primeiro é apresentado de maneira predominantemente disfórica, marcado pelo vazio, a tristeza e a morte. Nele está a “lacuna” aberta pela ausência do poeta; o luto dos sujeitos que o povoam – narrador, amigos, colegas, familiares, sociedade; o caixão.

Sob a ótica do enunciador, é um “mundo de trevas”, “um mundo perverso/cheio de perturbações”, pelo qual Patativa conseguiu passar, levando alegria a todos, cumprindo a missão de profeta por meio do exercício da poesia, evitando inimizades – razões pelas quais será premiado na outra vida. Nessa perspectiva, o *aqui* foi iluminado pelo poeta e sua obra, que são vistos como valores positivos no ambiente em que surgiram. Já o “outro mundo”, para onde o espírito do poeta se encaminha, é a “casa de Deus”, um “universo/ onde não há aflições”, lugar de encontro, música e poesia.

A polarização dos espaços aparece nitidamente no verso “Cante *lá* que eu rezo *cá*”, paráfrase do “Cante *lá* que eu canto *cá*” de Patativa:

Poeta, cantô de rua,  
Que na cidade nasceu,

Cante a cidade que é sua,  
Que eu canto o sertão que é meu.  
Se aí você teve estudo,  
Aqui, Deus me ensinou tudo,  
Sem de livro precisá  
Por favô, não mêxa aqui,  
Que eu também não mexo aí,  
Cante lá, que eu canto cá

[...]  
Só canta o sertão dereito,  
Com tudo quanto ele tem,  
Quem sempre correu estreito,  
Sem proteção de ninguém,  
Coberto de precisão  
Suportando a privação  
Com paciência de Jó,  
Puxando o cabo da inxada,  
Na quebrada e na chapada,  
Moiadinho de suó.

[...]  
Seu verso é uma mistura,  
É um tá sarapaté,  
Que quem tem pôca leitura  
Lê, mais não sabe o que é.  
Tem tanta coisa incantada,  
Tanta deusa, tanta fada,  
Tanto mistéro e condão  
E ôtros negoço impossible.  
Eu canto as coisa visive  
Do meu querido sertão  
[...] (ASSARÉ, 2014, p. 25-29).

No poema que empresta o título ao livro que o alavancou como autor para o grande público, os advérbios de lugar são usados pelo eu-lírico sertanejo para balizar o terreno do poeta do povo, separando-o daquele do poeta erudito, como quem demarca um território que não deve ser invadido por quem não o conhece e, por isso, não sabe cantá-lo com propriedade. Na metapoesia, contrapõem-se as classes e suas representações, assim como a terra difere do céu no poema de Miceno, que transfere para o plano da religiosidade o abismo social do seu entorno.

#### 4.4. O modo

Para esta seção, elegemos situar quatro elementos no dispositivo antrópico: duas pessoas e os objetos culturais a elas associados no poema, destacando o modo como aquelas se relacionam com estes.

O narrador deseja prestar a última homenagem ao companheiro, materializada através do objeto cultural que é o próprio poema. Como responsável pelo ato de enunciar, a situação antrópica dessa pessoa é a zona identitária. Em relação a ela, o objeto cultural poema ocupa a zona identitária no momento da criação, resvalando para a zona proximal quando é declamado. Podemos afirmar que o modo pelo qual o enunciador se relaciona com o objeto-poema é a *certeza*, uma vez que este se concretiza, inicialmente na mente do narrador; depois, como voz que se espraia, como espetáculo multissemiótico característico das poéticas da oralidade, contagiando a plateia.

Aos colegas de ofício, pessoa coletiva, cabe continuar a missão de Patativa, representada pelo objeto cultural abstrato “poesia”, com o qual se relacionam pelo modo da *probabilidade*. O “Fonte patativana”, ao qual o texto nos remete, e o próprio fazer poético do enunciador do “Homenagem póstuma...” atestam que os companheiros do poeta sabem e podem fazer versos, pois são fruto de uma mesma tradição, por cuja continuidade são corresponsáveis. Deduzimos, portanto, que estão capacitados para continuarem a missão do poeta e, provavelmente, o farão, pois ainda não é possível afirmar isso com certeza no momento da enunciação do poema. Podemos inferir a posição dos colegas na zona proximal do enunciador. A poesia ocupa todas as posições do quadro antrópico em relação a essa pessoa e ao narrador, que é um representante da ideologia do grupo.

#### 5. Considerações finais

*Homenagem póstuma ao poeta Patativa*, composto por Miceno Pereira, exemplifica um número muito expressivo de textos produzidos na Comunidade Poética de Assaré sobre seu principal representante.

Destacamos, nos versos, a oposição *terra x céu*. Enquanto o primeiro elemento é caracterizado como um lugar de escuridão e maldade, o segundo é um espaço de felicidade e justiça. O texto aponta, assim, para uma visão de mundo religiosa – possível sublimação da revolta contra a injustiça social, além de profundamente marcada pela ideia de comunidade, que invade os dois espaços, indistintamente. Enquanto a ênfase adquirida pela zona distal pode ser lida como sintoma de desconforto com a realidade, a valorização do sagrado e o apreço às relações interpessoais dizem muito sobre a face ainda tradicional da comunidade em uma época em que tais valores tendem a se esgarçar.

O valor de maior relevo no texto, caracterizando a especificidade do grupo cultural composto pelos/pelas poetas de Assaré, é a arte poética, representada com maestria pela figura de Patativa, em via de tornar-se ídolo. Definitivamente.

## 6. Referências bibliográficas

- ALENCAR, Adriana Nuvens de. **Em terra de passarinho, Patativa não canta só: um olhar semiótico sobre a poética da comunidade de Assaré.** Tese (Doutorado em Letras). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2019.
- CARVALHO, Gilmar. Patativa e a comunidade poética da Serra de Santana. *In.*: \_\_\_\_\_. **Cem Patativa.** Fortaleza: Omni Editora Associados, 2009a. p. 143-148.
- \_\_\_\_\_. Patativa: uma história de vida. *In.*: **Cem Patativa.** Fortaleza: OMNI Ed., 2009b. p. 21-43.
- \_\_\_\_\_. **Patativa poeta pássaro do Assaré.** 2. ed. Fortaleza: Omni Editora Associados, 2002.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- PATATIVA DO ASSARÉ. **Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino.** 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. Fonte Patativana. *In.*: FEITOSA, Tadeu (org.) **Digo e não peço segredo.** São Paulo: Escrituras Editora, 2001.
- RASTIER, François. **Ação e sentido por uma semiótica das culturas.** João Pessoa: Ideia/ Editora Universitária, 2010.
- SILVA, Miceno Pereira da. **Versos diversos de um cantador de viola.** Juazeiro do Norte: Gráfica Nobre, 2006.

## 7. Outras fontes

- BATISTA, Maria de Fátima B. de Mesquita. Zonas antrópicas de identidade, proximidade e distanciamento culturais em textos populares correntes na região amazônica. *In.*: **Acta semiótica et linguística**, v. 14, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/actas/issue/view/1160/showToc>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

## 8. Anexo

### HOMENAGEM PÓSTUMA AO POETA PATATIVA

Transpassado de emoção  
Regozijo e nostalgia  
Olhos fitos no caixão  
Onde o poeta jazia  
Uma dor, uma saudade  
Que tirou minha tranquilidade  
Contrariou-me de vez  
E julguei fora do nível  
A lacuna impreenchível  
Que a sua partida fez.



Fitei seus familiares  
Por todos senti a dor  
Coloquei-me em seus lugares  
Tive o mesmo dissabor  
Senti da vida o revés  
Coloquei no chão meus pés  
Pedi fé, pedi coragem  
A Deus Pai, Deus verdadeiro  
Como fiel companheiro  
Lhe fiz a última homenagem.

Adeus poeta querido  
Partes deixando saudade  
Na terra onde foi nascido  
E em toda a sociedade  
Amigos e familiares  
Foste a alegria dos lares  
Do palácio e da choupana  
Partes pra casa de Deus  
Deixando os colegas teus  
Na Fonte Patativana.

Sei que saudades tu deixas  
Mágoa de ninguém tu levas  
Partes isento de queixas  
Deixando um mundo de trevas  
Partes da terra e dos teus  
Pra morar junto de Deus  
Rei dos reis e Pai dos pais  
Onde lá te descortinas  
Ouvindo as músicas divinas  
Dos anjos celestiais.

Vais com Deus, Rei e Poeta  
Pai de toda a humanidade  
Se unir a cada profeta  
Que teve a felicidade  
De como tu ser amado  
Querido e prestigiado  
E rico de inspiração  
Vai receber teu troféu  
Que no festival do céu  
Terás a premiação.

Que toda a tua poesia  
De inspiração nordestina  
Se transforme em alegria  
De inspiração divina  
Que esta tua partida  
Em alegria de vida  
Seja também transformada

E a estrada da tua vida  
Para a terra prometida  
Seja uma feliz estrada.

Deixa este mundo perverso  
Cheio de perturbações  
Vai viver num universo  
Onde não há aflições  
Daqui não leves lembrança  
Faça lá sua aliança  
De salmos e de improviso  
Juntamente aos profetas  
Trovadores e poetas  
Festeiros do Paraíso.

Cante lá, que eu rezo cá  
A minha oração final  
Rogando ao pai Jeová  
Santo Rei universal  
Pai Santo, Deus Criador  
Que sofreu por nosso amor  
Que morreu por todos nós  
Atende os meus pedidos  
E no reino dos escolhidos  
*Acolhei-o junto a Vós.*

SILVA, Miceno Pereira da. **Versos diversos de um cantador de viola.** Juazeiro do Norte: Gráfica Nobre, 2006, p. 148-150.